

A alma dos rios

Era apenas um fiapo de vida
que corria manso à beira da estrada.
Outrora um rio, hoje a lembrança
de moleques descalços chupando manga.

No tempo em que o Capibaribe
era o cão desplumado de João,
já se falava em matar a sede
na beleza do velho Francisco.

A voz melodiosa das águas
sussurra, grita, e goza, e ri.
Come os frutos agrídoces
do sentimento dos poetas.

Pitomba e pêsego,
ata, nectarina, açáí,
castanhola e murici.
Graviola, uva, cajá.

Aqui e adiante,
refletindo o sonho,
a fome, a fartura,
dentes e a falta deles.

Cheiro de guisado no fogo,
da panela de doce do Pará.
No sertão, cuia vazia,
ribeirinhos sem pátria.

Ah, rios de minha terra,
que o choro de trovadores
faça perene seu leito,
caudalosa e verde
sua alma insone poluída
de desilusões de mar.